OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1031

20 DE AGOSTO DE 1907

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Chronica Occidental

Temos, d'esta vez, maré cheia de noticias. Não é caso vulgar em agosto.

Só a politica daria volumes, se nos sobejasse espaço, tempo e pachorra. Elle é a dictadura, elle é a chefia do partido regenerador, é a viagem de El-rei, é a viagem do Principe, é muito mais de que se pode falar baixinho, mas de que não é permittido escrever.

Quantas vezes, em agosto, andámos nós de nariz no ar, á procura d'uma novidade, com mais afan do que em busca d'um bocadinho de fresco! Em agosto tudo serve. O caso de Casellas, que tanto por ahi tem dado que falar, seria uma verdadeira mina se agosto decorresse, conforme o costume, na maior das miserias para informadores. Mas, com tanto que havia para discutir-se, deve confessar se que foi explorado algum tanto de mais e que não havia obrigação de tantissimos pormenores, cuja publicidade alguem pode prejudicar que não tem no caso cumplicidade evidentemente demonstrada. As scenas descriptas pelos jornaes são altamente repugnantes e provam, mais uma vez, quanto o dinheiro pode ser prejudicial em mãos d'um estupido. Devia de haver no codigo uma lei que auctorisasse a confiscar os bens de certa gente. De tal qualidade estes se mostram, que gentinha presa nos calabouços do governo civil não os quiz lá para companheiros.

A justiça que se entenda com essa tropa e a mande desinfectar antes de a embarcar para Africa.

Referimo-nos a este facto, talvez, sob certo ponto de vista, não tão excepcional como alguns cuidam, para confirmarmos o que acima dissémos. De tudo houve n'esta semana: nem lhe faltou o escandalo monumental. Lavemo-nos por havermos mexido em coisa suja, e vamos adeante.

Iremos pelas verdes e pelas maduras, combinando as com a arte de quem faz uma tragi-comedia, procurando-lhes os constrastes. Este jornal, que aqui tenho presente, consultava-o agora, e, tendo acabado de ler uma columna, em que me falava de festas e romarias, enganei-me ao procurar com os olhos o alto da columna seguinte e estes cahiram-me sobre os combates de Marrocos

Alegrias e desgraças andam n'este mundo, como nos jornaes, umas ao lado das outras.

O Minho está todo este mez em festa. Seguem-se as alegrias dos festejos em Vianna á Senhora da Agonia, as brilhantes festas gualterianas, que

1.ª fila, sentados — D. Anna Themudo — Dr. Magalhães Lima — Dr. Bernardino Machado — Dr. Theophilo Braga — Agostinho Fortes
2.ª fila — Dr. Antonio José d'Almeida — Jacinto Silva — Dr. José de Castro — João Chagas — Consiglier Pedroso — Feio Terenas — Luiz Filipe da Mata — Dr. Antonio Macieira — José Pinheiro de Mello — Eduardo Augusto de Sá
3.ª fila — Dr. Costa Ferreira — Luz — Almeida — Ferreira — Dr. João Pinto dos Santos — Dr. Amor de Mello — Domingos Coelho da Silva — Simões Raposo — Leandro de Mello

A COMMISSÃO PROMOTORA DA MANIFESTAÇÃO AO DR. BERNARDINO MACHADO — EM 28 DE JULHO DE 1907

(Cliché Benoliel)

segundo communicações de Guimarães, excederam toda a expectativa. Que risos lindos em lindas boccas de minhotas!

E vão fechar as conferencias em Haya exactamente quando eminente a guerra se prevê contra Marrocos! Já muitas mortes de europeus — entre as quaes a d'um portuguez — a quantos lares levaram luto e muitas lagrimas!

Nem tudo são rosas na vida. Vai isto com ar de maxima para nos referirmos levemente aos mosquitos por cordas a que tem dado logar a concessão do theatro de D. Maria á empreza particular dos srs. Augusto Ferreira e D. João de Menezes. Tudo são rosas na vida, pensará o Principe, sr. D. Luiz Filippe. O telegramma do sr. ministro da marinha, datado de Quelimane, 11, termina com estas palavras: «A recepção, cheia de cordealidade e alegria, feita pela Zambezia ao Principe Real, veio pôr remate condigno ás manifestações de sentimento patriotico com que o Principe Real tem sido acolhido na Provincia de Moçambique.»

Tão feliz não pode dizer-se que fosse a viagem de El-rei, a tantos programmas, feitos e desmanchados, a tão desagradaveis torcicolos a obrigaram.

Pontos houve em que o sr. D. Carlos foi recebido com verdadeiro enthusiasmo e decerto gratas recordações traria do norte de Portugal; mas rosas houve que elle pensou colher e que, segundo consta, se erriçaram de espinhos Razão confessada: a dictadura.

Como esta palavra se vai fazendo synonima de pesadêlo, até para os mais indifferentes!

Vamos então falar de politica, que não ha outro remedio, narrar o que por ahi se tem passado, dizer dos commentarios que tem merecido cada acto do governo.

O assumpto mais falado estava sendo a carta de El-rei ao sr. José Luciano de Castro, pedindo-lhe, segundo consta, que não se afastasse de Lisboa, sem que elle houvesse regressado de Pedras Salgadas. Muito discutidas foram as hypotheses que poderiam motivar o pedido: crise possivel ministerial; chefatura do partido regenerador, etc. N'isto se estava, quando, com assombro geral, se soube que na Boa Hora, como cumplices na desordem de 18 de junho, haviam sido pronunciados vinte e uma pessoas pertencentes aos partidos republicano, regenerador e dissidente, entre outros os srs. drs. Magalhães Lima e Arthur Leitão, França Borges, drs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida, conselheiro Abel de Andrade, José Bello, conselheiro José de Alpoim, dr. João Pinto dos Santos, Moreira de Almeida, Antonio Centeno, dr. Horta e Costa, Visconde da Ribeira Brava. A cada um foi arbitrada a fiança de duzentos mil réis.

Vamos de surpreza em surpreza, até onde é que ninguem sabe.

Nunca, tanto como agora, a politica absorveu as attenções. A chefia do partido regenerador está na ordem do dia. A commissão dirigente do partido parece ter resolvido não demorar a nomeação.

Duas palavras devemos dizer sobre cada um dos marechaes que teem possibilidade de receber a herança de Hintze Ribeiro. Vejamos o que d'elles disse o sr. conselheiro Julio de Vilhena na entrevista que teve com o sr. dr. Arthur Leitão e que, publicada no *Mundo*, foi transcripta por quasi todos os jornaes.

Conselheiro Pimentel Pinto. Conselheiro de Estado. General de reconhecida energia e com muitas sympathias no exercito. Orador muito correcto, muito capaz de dirigir uma discussão parlamentar, como já o provou.

Conselheiro Moraes de Carvalho. Conselheiro de Estado. Jurisconsulto eminente e eminente economista, como ainda ultimamente o demonstrou, pronunciando sobre a lei de contabilidade um discurso modelar.

Conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco. Conselheiro de Estado. Intelligencia de alto valor. Vasta illustração litteraria. Muita prudencia. Sincera abnegação.

Conselheiro Campos Henriques. Jurisconsulto de primeira ordem. Logico e limpido na discussão. Conhece bem os homens e sabe adquirir e conservar adeptos. Carinhoso com os partidarios, conquista sempre amigos.

Conselheiro Teixeira de Sousa. Parlamentar eloquente e de grande resistencia no debate. Homem de governo. Conhece profundamente as questões coloniaes e de fazenda. Intelligentissimo psychologo.

Conselheiro Wenceslau de Lima. Intelligencia superior. Orador impeccavel. Prudente, conciliador. Verdadeiro homem de estado.

Mas muito se fala tambem da eleição possivel do sr. Julio de Vilhena. D'elle disse o sr. Wenceslau de Lima, interrogado tambem pelo sr. Arthur Leitão: «Sempre considerei o sr. Julio de Vilhena como membro do partido regenerador. Reconheço-lhe o merito e as qualidades que já lhe notei nos meus collegas da commissão executiva. Nem mais, nem menos. E, paladino dos fortes agrupamentos partidarios, se afastado s. ex.ª tivesse andado, e agora por qualquer circumstancia, precisasse regressar á politica militante, eu recebel-o-hia de braços abertos.

Qual dos sete terá mais probabilidades? A voz publica o que diz? Rumores confusos. Breve tudo vai saber-se, não havendo probabilidades de scisão, pelo menos immediata, no partido.

E, ainda sobre politica, não olvidemos o muito que se tem falado no proximo Conselho de Estado. A receberem de El rei licença para falar, os membros do Conselho diz-se terem combinado referir-se á situação politica e á dictadura. O que fôr e não deve soar, soará entretanto.

O indulto dos estudantes riscados da Universidade é o principal para os que não se deixam enthusiasmar pelas luctas de politicos. O indulto parece, certo assim o seja tambem o perdão dos marinheiros, de que muito se fala, e que será, parece concedido quando o Principe Real regressar da sua viagem á nossa Africa Vá no fim de tanta noticia politica, uma nota verdadeiramente alegre.

E não voltemos a tristezas; falemos de festas. Fundearam no Tejo os dois cruzadores que compõem a divisão naval japoneza. Vinha a bordo o ministro do Japão, sr. Magaki e o seu secretario. *Rauts*, almoços, passeios, jantares não vão faltar. A tripulação do cruzador *Tzukuba* é de 918 praças, e de 461 a do cruzador *Chilose*.

O Japão é hoje uma das primeiras nações do mundo. Era de portuguez o primeiro barco que lá chegou. Devem os japonezes sabel-o, talvez melhor do que a maior parte dos portuguezes. Era um chaveco; elles pagam-nos hoje a visita com dois couraçados. Glorioso chaveco que levava S. Francisco Xavier!

João da Camara

Viagem de S. A. o Principe D. Luiz Filipe ás Colonias

VII

Seguindo nossa derrota e deixando Loanda, onde Sua Alteza já chegou e foi recebido condignamente, mas de que só num dos proximos numeros esta revista se ocupará com boa informação, aportemos a Lourenço Marques, que vamos encontrar bem diferente do que era. Ainda ha 30 annos, pouco mais do que uma feitoria e hoje uma cidade moderna, cheia de vida e de movimento, inicio de um imperio comercial que em breve praso virá a ser.

Lourenço Marques, a formosa e vasta bahia, que tão desputada nos tem sido por estrangeiros, principalmente inglêses, situada na costa oriental da Africa, entre o Cabo da Boa Esperança e Moçambique, foi descoberta em 1544 pelo navegador português, Lourenço Marques, que lhe deu o nome que tem para nós portuguêses, embora nas cartas inglêsas se encontre com a denominação de *Delagoa bay*, para assim parecer inglêsa, como se em toda a costa de Africa houvesse terra que não fosse descoberta por portuguêses.

Nisto, como em muito mais, tivémos tanto, e ainda temos, que tem dado para todos, louvado Deus!

Os geografos, que assim ocultam o nome do descobridor português, baseam a denominação de *Lagoa* pela rasão de nella desaguar um dos rios que vem do interior, nascido numa grande lagôa, onde nasce tambem, correndo para o norte, o Nilo. Pela sua vastidão e belêsa tambem alguns lhe chamam bahia *Formosa*, entretanto o nome de Lourenço Marques é o que prevalece e é este nome que tambem designa a cidade e todo o distrito, que termina ao sul, no paralelo de 26° 30' com terras dos Zulos. Fóra do canal de Moçambique e distante da capital desta provincia, não lhe valeram os excepcionaes dotes da natureza, para nella atentarem por muitos annos, e até seculos, os portuguêses, deixando Lourenço Marques entregue aos seus proprios recursos naturaes, que nada valiam inexplorados.

Entretanto se os governos da metropole, á distancia em que estão, não viam as superiores vantagens daquelle grande porto, sahida e entrada natural para todo o comercio do interior que viesse a estabelecer se e por aquella grande arteria desenvolver, os extrangeiros não viam do mesmo modo a bahia de Lourenço Marques e, em 1721, os holandêses, que já tinham uma colonia no Cabo da Boa Esperança e se iam estendendo para nordeste, muito sorrateiramente lá foram estabelecendo uma feitoria, que não prosperou é certo por diversas circumstancias, muito principalmente a inimisade dos naturaes, e que por fim foi distruida por piratas inglêses.

Poucos tempos depois foram os inglêses que ali arvoraram sua bandeira, numa fortificação que fizeram em 1768.

Em 1778 tambem os austricos lá meteram pé, estabelecendo uma feitoria, que o governador da India, pouco depois, mandou expulsar.

Estas repetidas e cubiçosas invistidas de extrangeiros, fizeram acordar um tanto o governo português, que por 1787 ordenou se fizesse algumas obras de defêsa em Lourenço Marques, mas o que encontrou de melhor para lá estabelecer foi um presidio de degradados, presidio que em 1796 foi invadido e saqueado por uma força francêsa, sem quasi resistencia dos nossos, que eram poucos e minados por doenças da terra.

A breve trecho, porem, os francêses tiveram que abandonar a sua ridicula conquista, escurraçados pelos naturaes que lhes fizeram toda a guerra possivel.

Voltou novamente Lourenço Marques a ser presidio, estabelecendo então o governo português uma feitoria e construindo uma fortalêsa em 1799, fortalêsa que os vatuas cercaram em 1833 e foi evacuada pela força armada, que era deminuta, em presença do inimigo, que era numeroso, sendo assassinado o governador Dionisio Antonio Ribeiro, que fugiu com alguns soldados para a ilha Xefina onde o foram colher.

Essa fortalêsa, que tem sofrido varias reedificações, ainda lá existe.

Entretanto os inglêses não desistiam de cubiçar Lourenço Marques, e sob o pretesto de estudos hidrograficos na costa, entraram em Lourenço Marques os navios *Soven* e *Barracouta*, tendo por commandante o capitão Owen, o qual teve artes de simular tratados de cessão de territorios com os regulos de Tembe e de Maputo, proclamando direitos de seberania da Gran-Bretanha sobre a bahia de Lourenço Marques e ilhas da Inhaca e dos Elefantes. Foi isto por 1823.

Acudiu o governo de Portugal a contestar a usurpação perante o governo de Inglaterra, mas as negociações diplomaticas que se seguiram dilataram-se até 1860, em que novamente os inglêses voltaram a içar sua bandeira nas ilhas da Inhaca e dos Elefantes, renovando o governo português suas reclamações junto do gabinete de Londres, que empregou todos os recursos da sua astuta diplomacia para entreter as negociações até 1873, em que afinal chegou a acordo para a questão ser sobmetida á arbitragem de uma terceira potencia, que foi a França, decedindo do pleito o marechal Mac-Mahon, presidente da Republica, que proferiu a sentença arbitral de 24 de julho de 1875, reconhecendo o direito de Portugal á posse da bahia de Lourenço Marques e a todo o territorio daquelle distrito.

Eis em resumidas linhas toda a velha historia de Lourenço Marques até á sentença arbitral que confirmou a posse do que por direito de descobrimento nos pertencia desde meados do seculo XVI.

VIII

E' de 1875 em deante que Lourenço Marques, se póde dizer, começa a viver e quem lhe insufla essa vida, é o descobrimento dos grandes jazigos auriferos do Transvaal, conhecidos pelo nome de Campos de Ouro de Nova Caledonia.

A proximidade desses jazigos de Lourenço Marques, indicou este porto como o que melhor podia servir de espansão para os serviços das explorações mineiras, e assim, não só começaram a afluir a elle mineiros inglêses e australianos, que seguiam para as minas do Transvaal, como a dar sahida ás especies mineraes, para o que ali acudiam navios.

Ainda o serviço dessas minas levou o governo português a construir a primeira estrada carreteira desde o porto até á fronteira da serra do Lebombo, e que se estendeu até o local mineiro.

O tratado de 1876 celebrado com o Transvaal para assegurar as relações já estabelecidas, animou o governo português a emprehender obras de maior importancia em Lourenço Marques, para o que preparou uma bem organisada expedição de obras publicas que para lá partiu em 1877.

Trinta annos vão decorridos desde que se iniciaram os melhoramentos do porto e do distrito de Lourenço Marques, e se a escassês dos recursos para obras que demandam milhares de contos, e

as dificuldades com que ha sempre a lutar para levar a efeito quaesquer emprecndimentos, não permitiram sua mais rapida e completa realisação, é preciso confessar que nos ultimos annos as obras do caminho de ferro e do porto tomaram tal incremento, que é facto consumado ser hoje Lourenço Marques uma cidade em que a iniciativa do governo e a particular se tem esforçado para a tornar um imporio commercial de vida e de movimento.

Para reconhecer isto basta atentar nas gravuras que estampamos neste numero, reproduzidas de fotagrafias, e respingarmos algumas noticias dos relatorios dos trabalhos de construção das obras do porto de Lourenço Marques, correspondentes aos periodos de fevereiro a dezembro de 1905 e primeiro semestre de 1906.

A grande bahia de Lourenço Marques estende-se desde a sua entrada, junto da ilha da Inhaca até á cidade na extensão aproximada de 20 milhas, e o seu acésso faz-se por tres canaes: o do sul ou de *Cockburn*, que é o mais utilisado; o do meio, ou do *Hope;* e o do norte, ou de *Cutfield*, que é o mais largo, mas tambem o mais extenso. Tanto a entrada, como os enfiamentos a seguir para chegar ao porto interior, acham-se devidamente balisados e iluminados com faroes, sendo os principaes os da Inhaca e o de *Cockburn*.

Quem entra na bahia parece-lhe que continua a navegar no mar largo, tal é a vastidão desta. A' oproximação do porto interior, o panorama é cada vez mais interessante e animado, começando se a vêr a altura da Ponta Vermelha, parte da cidade hoje preferida para residencia, com as suas encostas revestidas de verdura, por onde se destacam os *chalets* no alto, elevando-se ainda um dos faroes que servem para marcar os enfiamentos da entrada e uma das balisas destinadas ao mesmo fim, no cimo da qual se move o balão horario.

Mas isto ainda é pouco; a surpresa do viajante, que pela primeira vez visita aquelle porto, vae augmentando á maneira que o navio avança. Descobre agora a margem fronteira á cidade, ou da Catembe, já bastante povoada, e os mastros dos navios fundeados no porto interior. Continuando, pelas alturas da boia da Ponta Vermelha, começa a desenrolar-se, por fim, á vista do viajante, o soberbo panorama do porto, cujo fundo ainda mal se divisa, pois é enorme sua vastidão, e nelle ancoram ao largo numerosos vapores e navios de vella, ou atracados ao caes, ou moralha acostavel.

Chegou se, finalmente, a dentro do porto e aparece a cidade espalhando-se por uma grande area quer na baixa quer na alta, pelas encostas, que lhe fazem fundo, e por onde se vae desenvolvendo, aumentando constantemente o numero de casas que surgem de entre a vegetação luxureante que reveste seus montes; os caes com seus armazens, os guindastes, os comboios de mercadorias que partem e que chegam, todo um conjunto de movimento e de vida, que se estende á margem fronteira, com suas habitações, oficinas de construção e reparações de navios, forma o surpreendente quadro de uma cidade moderna, onde domina o comercio e se desenvolve a riqueza a olhos vistos.

O porto, que em frente da cidade e a Catembe tem sua largura minima, alarga-se logo acima em enorme bacia, de 3 milhas de comprimento, ao termo da qual está o chamado porto *Matolla*, onde vão navios de 8:500 toneladas. Logo adeante esbocam os tres rios, Umbeluzi, Tembe e Matolla, e o porto mais se alarga, permettindo abrigo aos maiores navios, e que em breve estará ainda em melhores condições, por isso que importantes dragagens vão ser feitas no canal de entrada do porto, o de *Polane*, afim de lhe dar sufeciente altura de agua para o livre acésso, em qualquer maré aos navios de mais alto bordo.

Desde que, em 1895, entrou a funcionar o caminho de ferro português, que liga Lourenço Marques com o Transvaal, se reconheceu bem a excepcional importancia do porto, onde cada vez mais a navegação tem afluido, tornando-se necessario fazer nelle obras que proporcionassem todas as facilidades e commodos que hoje oferecem os portos modernos. Felizmente o governo português não descurou este assunto e varias obras de melhoramentos se foram fazendo, até que, em 1901, se lhes deu maior incremento, sendo de então até ao presente continuadas com átividade não interrompida, sempre na intenção de facilitar cada vez mais o movimento de passageiros, de carga e descarga de mercadorias, armazenagens e transportes, não só locaes, como para o Transvaal, para onde são destinadas a grande maioria das mercadorias desembarcadas em Lourenço Marques, que é e será sempre o porto natural da colonia inglêsa, cuja principal cidade Johannesburg dista 394 milhas, emquanto de Durban dista a mesma cidade 483 e do Cabo 1:013.

Para a atracação de navios, foi, em 1902, iniciada a construcção de um caes, constituido por uma ponte assente em estacaria de madeira de jarrah da Australia, e respectivo muro para encosto de aterros.

Este caes, em maio de 1906, tinha concluida a extensão de 900 metros, podendo a elle atracar 7 navios de grande lotação, como se vê na gravura que publicamos neste numero, continuando a sua construcção, o que permetirá em breve a acostagem de 11 ou 12 navios ao mesmo tempo.

Sobre o caes estão assentes vias ferreas que ligam com as do caminho de ferro para o Transvaal, permetindo que os vagons carreguem diréta mente dos navios, ou vice versa, e outro tanto aconteces com relação a passageiros.

Para as cargas e descargas dos navios ha no caes 10 guindastes elétricos de 1 a 20 toneladas, estando em via de ser aumentados, incluindo um de grande força.

Estação postal, telegrafica, telefonica, de venda de bilhetes do caminho de ferro e guarda de bagagens, completam as principaes commodidades para o movimento de passageiros e mercadorias, tudo reunido no caes. Ainda no caes ha 5 armazens ocupando uma superficie coberta de 14:400 metros quadrados, para armazenagem de mercadorias que não seguem logo a seu destino, estando em via de construção mais armazens para o mesmo fim.

Ha tambem espaços reservados descobertos para guardar mercadorios que convenham estar ao ar livre, esses espaços atingem já 30:000 metros quadrados, e vão aumentando com a regularisação dos terrenos existentes e dos que se vão conquistando ao mar pelos aterros em execução.

Todo o recinto do serviço do porto é iluminado a luz elétrica, e fechado por grade de vedação ao longo da avenida Teixeira de Sousa, bella rua de 27 metros de largura, arborisada e iluminada por arcos voltaicos e que se prolonga a todo o comprimento do porto e com elle communica por meio de entradas convenientemente dispostas.

FRANCISCO AUGUSTO RAMOS COELHO

Ha tambem uma pequena doca para abrigo de lanchões do serviço de carga dos navios fundeados ao largo.

Estas commodidades e facilidades que o porto de Lourenço Marques já oferece aos viajantes e ao comercio, maiores serão dentro em pouco tempo, logo que estejam construidas todas as obras planeadas, taes como: docas para descarga de madeiras, para barcos de pesca, para embarcações de recreio, para embarque de carvão, que constituirá exportação importante provinda do caminho de ferro português da Swazilandia, em adiantada construção.

O maior incremento das obras ainda se nota desde os principios de 1905 para cá, em que tomou conta da sua direção o engenheiro sr. Francisco Augusto Ramos Çoelho, filho do insigne poeta José Ramos Coelho, e que tem largo tirocinio nestes trabalhos, tendo sido já director das Obras Publicas nos Açôres, com larga folha de bons serviços, que mais e melhor veio confirmar na direção das Obras do Porto de Lourenço Marques e de que hoje é tambem dirétor da exploração do porto.

Aquella data (22 de fevereiro de 1905) achavam-se completos 457.m de caes acostavel (o caes Gorjão começado em julho de 1902) com as respétivas dragagens; 3 *hangares* para abrigo de mercadorias, cerca de 260:000.m de aterros; 2:450.m de vias ferreas e casa para as maquinas produtoras de energia elétrica.

Podiam atracar ao caes 3 vapores grandes. De então até hoje completaram-se mais 425.m de caes acostavel, ficando este em 900.m podendo, como, acima dissemos, atracar 7 vapores grandes. Mais outros trabalhos foram feitos neste periodo, dos quaes citaremos: cerca de 280:000.m de aterros e 250:000.m de dragagens; construcção de mais 6 *hangares* depositos de mercadorias e uma doca para abrigo e descarga de lanchas, a que já nos referimos; construção completa de todas as ruas do porto, entre as quaes a bella avenida Teixeira de Sousa de 27.m de largura, que deixámos descrita; cerca de 4:800m de vias ferreas; construção para delegações do correio, telegrafo, telefone e caminho de ferro: instalação de bocas de incendio, canalisação de agua e marcos fontenarios; novas instalações elétricas para os guindastes e illuminação, etc.

O porto de Lourenço Marques é frequentado por vapores de varias companhias, sendo as principaes: Empresa Nacional de Navegação, que faz as carreiras mensaes entre Lisboa e a costa oriental da Africa, a Bucknall-Line, a Deutsche Ost-Africa Line, a Prince-Line, a Austrian Lloyd's, a Reunie Line, a Union Castle Mail, a Clau-Line e a Aberdeen.

Este movimento maritimo que em 1901 representava 671:133 toneladas tem sempre crescido, sendo em 1905 de 1595: 520. As mercadorias descarregadas, que em 1901 se elevavam a 213:255 toneladas, em 1905 atingiam 403:261. Com respeito a movimento de passageiros, encontramos na estatistica de 1902 que era de 18:554 para o Transvaal e 18:171 do Transvaal; estes numeros em 1904 elevam-se respétivamente a 30:465 e 47:446.

São eloquentes estas cifras para mostrarem o crescente movimento do porto de Lourenço Marques, e explicam tambem o progressivo desenvolvimento da cidade, onde tem sido abertas explendidas ruas e avenidas, que se vão povoando de bons edificios, de que citaremos os mais recentes o da Fazenda, o do Correio, a nova estação do Caminho de Ferro, alem dos particulares que todos os dias se vão levantando.

A cidade tem illuminação elétrica e tramways elétricos que ligam entre sios pontos mais distantes.

A par disto a cidade de Lourenço Marques tem melhorado extraordinariamente as suas condições sanitarias. O grande pantano, que a tornava mais insalubre, desapareceu completamente por meio de aterro e nesse logar é hoje o centro mais comercial da cidade; tem boa agua potavel canalisada do rio Umbeluzi, e a largura de suas ruas, o bem arejado de suas habitações, construidas pelos processos mais modernos de higiene, tornaram-na uma cidade salubre, para o que basta saber que as creanças nella se dão perfeitamente. O mosquito e a formiga quasi desapareceram, e a vida é ali tão commoda como em qualquer cidade civilisada da Europa, proseguindo sempre os melhoramentos para a tornar uma estação de praser, onde os habitantes do Transvaal vem gosar a esplendida bahia, que lhes faculta o exercicio de todos os generos de *sport* nautico, desde a natação, na bella praia do Polama, onde se fizeram importantes melhoramentos, até as regatas, para o que se presta admiravelmente a formosa bahia.

Mas não ha bella sem senão, e para os portuguêses o senão de Lourenço Marques é ter um aspéto de cidade inglêsa, tanto nas construções como os estabelecimentos com suas taboletas em inglês, indicam bem que os seus proprietarios são ing êses, e a lingua que mais se ouve falar é a inglêsa. Assim tem de ser visto que os portuguêses não correm ainda para ali tanto como seria para desejar. sendo certo que os capitaes portuguêses ainda se retraem para estas, como para outras empresas, devido em grande parte á ignorancia de uns e á má fé de outros, que tem levado a desconfiança aos capitalistas. Estes inconvenientes, porem, o tempo os debelará, e não virá longe a epoca em que os capitaes ganhem a confiança necessaria.

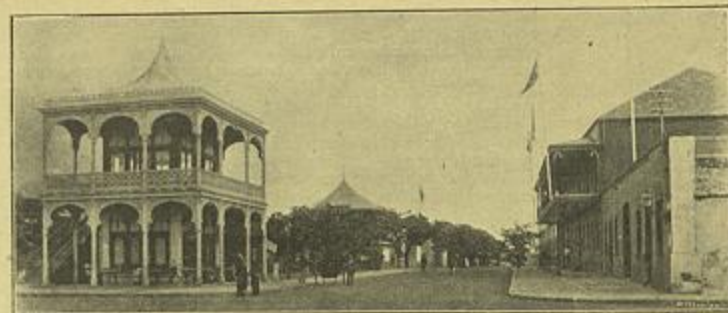
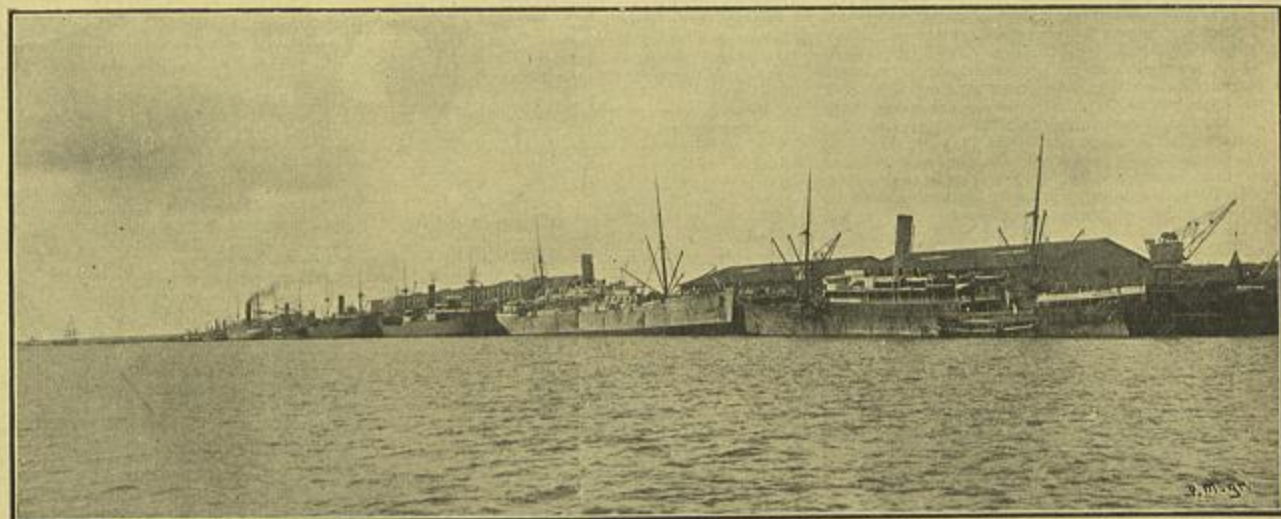
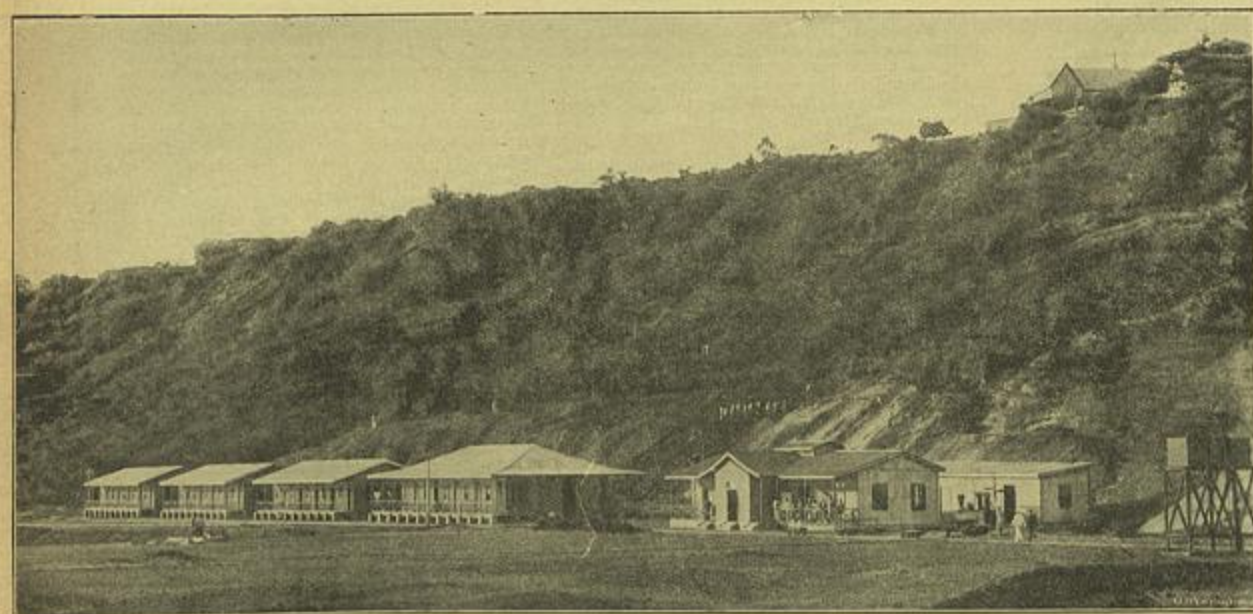
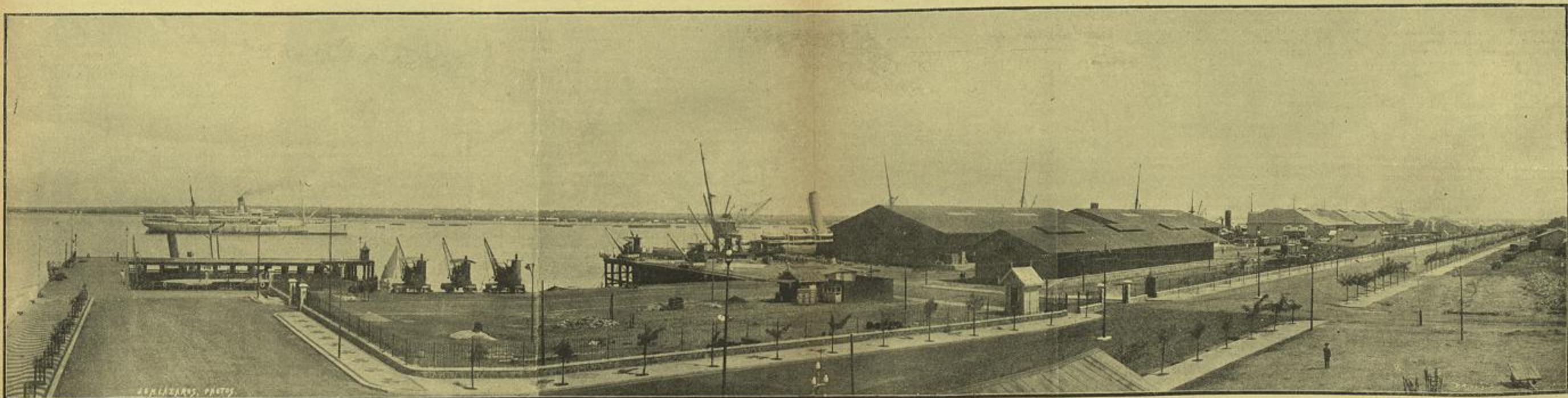
E' este o e plendido porto e capital do districto de Lourenço Marques, que Sua Alteza visitou, seguramente a mais rica colonia hoje de Portugal, superior por sua vastidão e adeantamento á da ilha de S. Thomé, contrastando as duas, em riquesa e progresso com a da provincia de Angola, á qual ainda não chegou a hora de se desenvolver e prosperar com os melhoramentos de que tanto carece.

Depois de Lourenço Marques Sua Alteza visitou Moçambique a rica provincia ultramarina tambem em via de prosperidades e de que nos occuparemos nos capitulos seguintes.

CAETANO ALBERTO.

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe, ás Colonias

Lourenço Marques — Avenida D. Manoel

Lourenço Marques — O Club

Lourenço Marques — Praça 7 de Março e Rua D. Luis

Lourenço Marques — Caes muralha com 7 navios acostados

Lourenço Marques — Habitações dos operarios das obras do Porto, Secretarias, Refeitorios e Cosinhas

Vista Geral das Obras do Porto de Lourenço Marques *(De fotografias)*

O ASSALTO Á TERRA

(Schiller)

«O mundo, ei'-lo: tomae-o!»
Bradou Zeus, do Empyreo, aos incolas da terra;
«Tomae-o: vosso é!
«Em herança vo'-lo dou, em feudo sempiterno;
«Mas heis-de quinhoá'-lo, irmãos, de boa fé.»

Já tudo, onde haja mãos, já tudo a aquinhoar-se
Se apresta, ou novo ou velho, e affanosamente;
O lavrador se lança a quanto a terra brota,
E á caça o cavalleiro, tambem, galhardamente.

Ao nectar generoso, p'ra si o frade elege;
E o mercador só deixa o que abarcar não póde;
Nas pontes, nos caminhos, a potestade impondo,
E o dizimo lançando, El-Rey então acode.

Por fim, muito depois, depois de tudo feito,
E' que o Poeta accorda, quem sabe vindo d'onde!
Mas, ai! já nada havia, já tudo era com dono,
O campo, e o mar e a caça, e o ar, e o chão e a fronde.

«Pauperrimo de mim! Hei-de eu, então, de todos,
E sendo o mais leal, ser o unico esquecido?»
Tal o lamento fundo, tal o queixume solto,
No sollio ao prosternar-se, da amara dôr transido.

«Tu, ebrio, te olvidaste, dos sonhos no dominio...»
O Zeus lhe retorquiu, «é tarde o lastimar!
«Por onde te perdias, a terra ao quinhoar-se?»
«Em ti, comtigo estava, ó Zeus, a divagar.....

«No rosto teu, sereno, a vista se me atinha;
«O ouvido, á harmonia do emporio teu, celeste...
«A' mente, emfim, perdôa, que pela luz já cega,
«Da magnitude tua,
«Já nada tem que preste, já nada se lhe entrega.»

«Que faça?» o Deus pondera «o mundo já o dei;
«E a caça, e o outomno, e o estio, já tudo entregue...
«Se a vida aqui a queres, commigo, n'este Céo,
«Patente, e sempre teu,
«Esse andito que almejas, ninguem jámais t'o negue.»

Alexandre Fontes.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO X

Sumario

Uma opinião a mais sobre o marquês de Pombal — Os espiritos santos de orelha do 1.º ministro — Ribeiro Sanches, o creador da instrução publica em Portugal — Estado literário do país antes das reformas chamadas do marquês — As primeiras aulas creadas — Fundações que precederam a creação do Colégio dos Nobres — E' escolhida a casa do noviciado para a instalação do colégio — Uma oficina tipográfica e uma bibliotéca em projecto — Privilégios especiaes concedidos ao Colégio dos Nobres — Uma tirada de Pombal — São doados á nova casa de ensino todos os bens do colégio de Monte Olivéte — Os quinze titulos dos estatutos — O regime interno do colégio — Um decreto severo — Os primeiros professores e reitores — Uma anedóta de José do Quental Lobo — Regalias do corpo docente do colégio — O Dr. Ricardo Raimundo Nogueira — Inauguram-se as aulas — E' alojada no edificio a Academia Real de Marinha — Varias disposições decretadas até á constituição — Entra na agonia o Colégio dos Nobres.

A craveira intelectual do nosso país estava então abaixo dos mais benevolentes comentários.

O mesmo Raton, nas suas Recordações, dá-nos alguns dados interesantes desse alheamento literário em que jazia o reino. As linguas eram absolutamente ignoradas como tambem era desconhecida a geografia. Nas lojas não se vendiam mápas. Pouco se raciocinava e quasi nada se lia.

Os livros a que o escásso publico dispensáva o seu favor, não passavam dos insonsos sermonários, que abarrotavam as livrarias de alto a baixo, e dos famosos folhêtos de cordél cujo assunto variava entre narrações estupendas de milagres e historias proféticas do *Bandárra*, da *Mádre Leocadia* e do *Pretinho do Japão* misturadas de quando em quando com a *Vida dos Três Corcovados de Setubal* ou com a historia do *Zangaralhão Safaremo*.

Eram estes e quejandos aleijões literários as obras preferidas e consultadas pela sociedade que se dizia culta e que nem sequer se achava ainda bastantemente preparada para digerir o *Feliz Independente* do Padre Teodoro de Almeida que apareceu, com éxito justificado, alguns annos depois.

Foi nesta conjuntura que os conselhos epistolares de Ribeiro Sanches influenciáram Sebastião José de Carvalho e Mello e se começou pensando a sério na restauração das lêtras pátrias, mandando vir do estrangeiro excelentes professores que viéram ministrar á mocidade portuguêsa a retórica, a lógica, a poética, a matemática, a arquitetura e as linguas francêsa, inglêsa e italiana.

O unico estabelecimento de ensino que tinhamos, fóra da influencia dos jesuitas, era a Universidade de Coimbra, e esse era um cáos.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, se quis aprender de coração a sciencia a que dedicára o seu bello talento teve de ir a Leyde, a Genova e a Paris cursar as mais adiantadas universidades e ouvir em Londres a palavra erudita de Douglás.

Em Coimbra não havia laboratórios quimicos, nem museu, nem observatorio, nem os aparelhos mais comesinhos de fisica. Uma pobreza franciscana!

Em 1759 principiáram as reformas, creou-se a aula de comercio cuja utilidade foi enorme em um pais aonde era ainda ignorado o sistema de escrituração por partidas dobradas e onde não havia conhecimento algum dos pêsos, medidas e moédas estrangeiras. O primeiro professor desta aula foi Joaquim Guilherme de Sousa, o autor do risco para o Real Erario que depois foi susbstituido por um suisso, Jacquerie de Salles, homem de grandes conhecimentos e de não menor desvergonha, na opinião de Raton (1).

Depois, com uma rapidez que bem demonstra a energia de Pombal, estabeleceram-se por todo o reino mais de quinhentas aulas de instrução primária. Deste gigantêsco impulso surgiu ainda a aula de navegação, nasceram as bibliotécas militares em todas as guarnições, aulas de cirurgia e de farmácia e abriram-se cursos de sciencias naturaes, estudos ainda quasi desconhecidos para nós. No seguimento de todas estas reformas literárias foi criado, por decreto de 7 de março de 1761, o Real Colegio dos Nobres.

*

Foi escolhido para se instalar a nova instituição o edificio da extinta casa do noviciado, abandonado desde 1751 e então em poder do fisco real.

Faltava, porem, o espaço suficiente para alojamento do pessoal do novo colégio, professores, oficiaes, serventes e outras entidádes. Para isso mandou el-rei D. José edificar, junto delle, uma correnteza de casas, que ainda hoje se lá veem, destinadas para um fim identico, á esquerda do edificio (2).

Outras obras ainda se planearam sem que chegassem entretanto a realisar-se. Entre ellas avultáva, como mais importante, a construção de uma oficina tipográfica para, segundo a prosa da carta de doação, «*se estamparem e restituirem á luz do mundo* «*as uteis e recomendáveis obras dos professores dos* «*antigos colegios que emulação e artificio dos sobre*«*ditos regulares expulsos e proscritos, haviam infa*«*tigavelmente solicitado desentranhar das livrarias* «*destes reinos até as extinguirem para desterrarem* «*delles com o bom gosto das lêtras e dos estudos so*«*lidos, as cláras memórias daquelles escritores; de* «*sórte que viéssem a conseguir por este extranho e* «*reprovado meio, introduzirem sem testemunhas e* «*sem contraditores, os abusos de seus errados metho*«*dos tendentes a fazer comum a ignorancia pela falta* «*de conhecimentos dos meios e dos modos de se adqui*«*rir a util e legitima instrução da mocidade*» (3).

Este arrasoádo, em puro estilo pombalino, ressume todo o azedume do marquês contra os jesuitas a quem elle tudo atribuia inclusivamente o frio excessivo e o calor anormal, como diz Herculano no seu folheto intitulado «*Da Escola Polytechnica e do Colegio dos Nobres*». Entretanto ha ali duras verdades. Isso é que é incontestável.

*

Tal oficina, como já disse, não chegou a ser levada a effeito. O motivo, ignoro-o. A sua organisação foi entretanto muito estudada tendo Pombal entregue a um tal Nicolau Pagliarini a factura de um projéto de que possuo o manuscrito original.

Este documento, que é bastante curioso, foi apresentado ao primeiro ministro em 31 de maio de 1766. Pagliarini opináva que a construção fosse feita, junto ao colegio, do lado do Rato, porque do lado da Patriarcál era preciso demo ir algumas moradas de casas e impedir ao edificio principal todo o prospecto do meio-dia e do levante, alvitrando tambem o estabelecimento de uma loja para venda dos livros impressos na oficina. A edificação, conforme a planta junta ao mencionado projecto, devia ter duzentos palmos de comprido por 60 de largo, afóra a casa de moradia do impressor que, na opinião de Pagliarini, devia ser homem casado e com familia. Da planta ainda constam outras dependencias adjacentes ao côrpo do edificio, como casas para a mólha do papel, impressão de estampas, decoáda etc. Um pouco distante ficaria um barracão para o fabrico das tintas (4)

(1) Recordações de Jacome Raton. Paginas 212 a 214.

(2) Mappa para a Ereção de uma oficina tipográfica no Real Colégio dos Nobres, feito por ordem do ex.mo sr. Conde de Oeiras, do conselho de S. M. Fidelissima, seu Secretario de Estado MDCCLXVI (com umas armas reaes a claro escuro) Mss. em poder do autor.

(3) Carta de doação ao Real Colégio dos Nobres Manuscrito existente na Torre do Tombo. Juizo da Inconfidencia. Jesuitas e Tavoras. Maço 1.º Documento 25.

(4) Mappa para Ereção d'uma oficina tipográfica. Já citado.

Tudo isto ficou nas palávras do projecto. A mesma sorte teve tambem uma bibliotéca a que a carta de doação se refere e que deveria igualmente instalar-se no colégio.

Com taes insucessos ficou sem effeito o privilégio exclusivo que el-rei D. José lhe concedêra, da impressão das obras classicas dos melhores autores nacionaes e das obras pedagógicas que porventura compuzessem os professores do colégio, ambas independentemente da licença do Desembargo do Paço.

Em compensação, porem, teve a nova instituição melhor sorte com a parte material da dotação régia.

(*Continua.*) G. de Matos Sequeira.

CIENCIA MODERNA

UM NOVO COMETA

Ha tempos que se tem observado, durante as madrugadas, brilhar no ceu, horas antes do aparecimento do sol, um astro brilhante, e do mesmo lado, onde o nosso astro luminoso nasce. Esse astro que se considerava ainda desconhecido pelos astronomos é um novo cometa que, como todos os demais, tomou o nome d'aquelle que, primeiramente, o avistou e que foi o conhecido astronomo Daniel.

Esse astro de recente aparição é rodeado de uma curta cabeleira e uma cauda que se vae tornando successivamente maior á maneira que o corpo celeste se dirige para o periélio.

A posição do cometa de Daniel é hoje, ao lado da constellação do Touro, entre a brilhante Aldebaran, o olho de Touro e o *sete-estreêllo*.

Um pouco mais a norte ha, como se sabe, outra estrêla de grande brilho denominada Capéla, a maior da constellação de Auriga que se encontra a meia distancia da Cassiopeia e a Ursa Maior.

E' justamente no interior do triangulo isosceles formado pelas linhas rétas que fará passar pelos pontos das estrêlas Aldebaram-Capéla e Sete-Estrêlo, que se encontra o novo cometa que todas as madrugadas, aquelles que se erguerem cedo, poderão observar a olho nú, o qual cometa caminha com uma velocidade extraordinaria para o seu periélio.

Segundo Camilo Flammarion, autoridade indiscutivel no assumpto, o astro acha-se atualmente a 117 milhões de kilometros distante da Terra, e a 114 milhões de kilometros distante do Sol, percorrendo a sua orbita com uma velocidade de 48 kilometros por segundo, ou seja 172:800 kilometros a hora. Esta velocidade é já uma velocidade enorme, a qual ainda tende a aumentar á maneira que o corpo se aproximar do Sol, segundo as leis da gravitação, isto é, aumentará na rasão inversa do quadrado das distancias.

16—8—907.

Antonio A. O. Machado.

O MEZ METEOROLOGICO

Julho 1907

Barometro. — Maxima altura 768mm,4 em 5, 6 e 10.
» — Minima » 757mm,6 em 31.

O barometro que se tinha conservado quasi sempre acima de 765m até cerca do dia 20, baixou gradualmente, desde esse dia, até que em 31, se conservou sempre a um nivel inferior a 759m.

Thermometro. — Maxima altura 33°,0 em 27.
» — Minima » 12 ,5 em 3.

Se não fossem as altas temperaturas registadas de 26 a 31, poder-se-hia dizer que teria sido o mez de julho mais frio que tem havido em Lisboa, desde 1854. A maxima de 18°,9 em 1, é a mais baixa conhecida em julho, até esta data, dia em que a media de temperatura foi de 15°,94 que corresponde aproximadamente á media theorica do meiado de maio de 27 a 31, o termometro elevou-se sempre acima de 30° (em 28, 31°,2; em 29, 32,5; em 30, 32,2; em 31, 31°,0).

Media mais alta de temperatura 28°,06 em 29.

Chuva. — 9m,2 em 3 dias. No dia 23, a chuva foi de 8m,3 o que é raro neste mez.

Vento. — Variavel.

Nebulosidade. — Elevada para a época.

Ceu limpo ou pouco nublado 16 dias.
» nublado 13 »
» encoberto 2 »

Evaporação media 6,0

Maxima em 28 e 30 (11,4). Minima em 23 (1,5).

Hygrometro.

Maxima 98 (23). Minima 21 (30).

Pelas nossas provincias e ilhas

(RECORDAÇÕES)

V

No paiz do támanco

Nas antigas provincias da Beira Alta e Douro, no seu limite sul, ahi começa e vae até o Minho o paiz do támanco. Lusitania e Galecia conjugadas nas suas regiões confins e limitrofes.

Bello paiz! caracteristico paiz! tão caracteristico como o Alemtejo e Algarve, arabes, ou antes berberes.

Lá está de permeio a Extremadura, dando nos bem a transicção.

Ainda nos recordamos da alegria que pelos olhos nos ia entrando á alma, ao passo que o homem do Ribatejo, nos ia apparecendo da Barquinha para baixo. Vinhamos então dos macambusios da região da Covilhã (referimo-nos, é claro, ao proletariado), caracteres abatidos pela miseria da vida, pela influencia da natureza serrana, e pela devoção catholica, e voltávamos a ver homens de cabeça erguida, olhar firme, e ar altivo. E' consolador, depois d'aquelle quadro humilhante d'almas penadas. Não sabemos se os demais povos da Beira Baixa (districto de Castello Branco) são de temperamento semelhante.

Seguiamos para Mafra, onde ficámos residindo, e agradou-nos ahi sempre ver o saloio, o authentico, o classico, bem erecto nas suas botas altas do trabalho, cinta vermelha, jaqueta pendente dos hombros, carapuço azul, varapau ferrado, cabello denso como lã de carneiro, olhar de finorio, e franzindo manhosamente o rosto nos negocios entrincados ou nas conversas de desfructe com os *casacas*.

E', como diziamos, aquelle o paiz do támanco, e com elle o da brôa, do caldo verde, do vinho verde, do gabão varino (gabão, que é traje nosso, diz Herculano no *Panorama*, vol. 6.º, pag. 356) da *catchopa* de seios fartos, grandes argolas pendentes das orelhas, e lenços de ramagens vivas crusados no peito e atados no alto da cabeça, das lavradeiras trabalhando de sacho ou guiando os bois, das barqueiras, emfim da alegria propria d'uma natureza pujante, fecunda e bella.

Tratando-se dos naturaes d'este paiz, deve abrir-se excepção dos do litoral. Evidentemente, na facha maritima que da Foz do Mondego vae por Mira, Ilhavo, Aveiro, e supomos segue a Varzim, etc., o tipo modifica-se, sem não obstante deixar de ser agradavel e poetico. Vestigios ethnicos das colonias fenicias? Questões são essas em que não sabemos entrar.

Paiz alegre, o da Beira Alta e Douro, vinhamos dizendo; paiz de romarias, gente de foliar, cantar e bailar.

O S. João! Que jucundidade intima e sincera não se expande ainda hoje nas festas de S. João!

> S. João, S. João, S. João
> Não deixeis este v'rão passar:
> Dai-me noivo, S. João, dai-me noivo
> Dai-me noivo que eu quero casar.

Assim cantam em côro os ranchos de cachopas da Figueira, Coimbra e Porto.

E em *Vil de Moinhos*, freguezia dos arrabaldes de Vizeu, a tradiccional cavalgada de mascarados, que vae foliar n'aquella cidade, depois de ter dado as tres voltas do estilo no largo da Sé? E as mascaras, tambem da tradicção, na Figueira da Foz, tradicção que ainda ha poucos annos se impunha aos figueirenses com tal exclusivismo, que os fazia intransigentes até á violencia com as mascaras que se mostrassem publicamente no entrudo?

Tradicção semelhante se mantem ainda actualmente, mas pelo S. Pedro, na populosissima villa da Ribeira Grande, da ilha de S. Miguel, atrahindo pela singularidade, gente do resto da ilha.

— Que relação haverá entre estas festas do rito christão e as mascaradas?

— E porque são as mascaras aqui pelo S. João e na ilha pelo S. Pedro?

Não nos deteremos n'este estudo, aliaz curioso; estamos escrevendo uma singela nota, que pretende modestamente não ir além de dar ao leitor, em traços geraes e fugidios, o tom apparente do paiz do tamanco, ao sul do Douro.

Adiante.

Ricos como ricos, pobres como pobres, diz o rifão popular. Por isso, nas freguezias mais somenos da Beira (expressão d'elles), na noite do querido S. João, na grande noite com ser a mais pequena do anno, pelo menos *queima-se o pinheiro*. Assistimos a esta alegria nas noites de S. João e S. Pedro, em Ranhados e em S. Pedro da Esculca.

Não ha dinheiro que chegue para vir a musica?

Pois haja ao menos *o tambor*, assim se diz, que vem a ser *tambor* e *zabumba*, o que no Minho se chama *o Zé Pereira*. Animador e retumbante, mas d'ensurdecer.

E se estamos do Mondego para o norte, e chega a receita, que se lhe junte *la gaita* (gaita gallega ou de folles) musica não de todo desagradavel, vamos lá com Deus, mórmente se é ouvida ao largo, na calada dos campos, vinda pelas quebradas, coada pelos pinhaes.

Oh! mas quando a gente se sente moço, lembrando-se vagamente do que quer que foi já esquecido da sua infancia, quando a gente apesar do tedio da vida sente uma alegria mal comprehendida agitando-lhe o sangue, é ao ouvirmos o pifano, o rico pifano tão popular ainda ha 30 ou 40 annos. Não nos referimos, é evidente, aos tempos aureos d'este instrumento, quando pifanos e tambores, á testa dos regimentos, cadenciavam a marcha dos que combateram e levaram de vencida os soldados de Napoleão.

Foi o gaiteiro das Meãs, que na festa de Verride, a nosso pedido, n'um grande armazem de vinho, trocou a gaita de folles pelo pifano.

Oh pae do Ceu! que loucura! que agitação nervosa, se apossou dos moços labregos, rompendo a dançar como endemoninhados ao som d'aquelles trilos expeditos e saltitantes, acompanhados convictamente do rufar fantasiado do tambor e do *pum catapum*, compassado do bombo!

— Viva o gaiteiro das Meãs! bradámos nós, quando chegou o cançasso forçado d'aquella dança atropel ada — E venham trez meias canadas para a musica.

Assim se fez, e esvasiaram-as d'uma assentada.

E nós retirando, já cerrada a noite, para não perdermos o comboio, vinhamos reflectindo com os nossos companheiros: Quanto esta gente dos campos mais não se diverte a valer com as polkas do sincero e despretencioso gaiteiro, do que com o *Trovador* e *Traviata* esfolados pelas requintas e cornetins dos *ártistas* da freguezia, em grande uniforme, barretina á banda sobre a guedelha, penacho torto, farda e charlateiras a escoarem-se lhe dos hombros, ares de figurões e botas cambadas!

HENRIQUE DAS NEVES.

PALCO DO TEATRO DO LAGO

O PARAISO DE LISBOA

Mais um Paraiso em Lisboa!?

Ainda bem.

Uma boa nova para o alfacinha e para exportar, quando tão más correm lá por fóra a respeito da cantada cidade de Ulisses, que se debruça sobre o Tejo e, qual outra Babylonia, suspende seus jardins floridos pelos montes e encostas, que o sol alumia com todas as alegrias da luz, como não seria mais florido e luminoso o Eden terreal de que Eva, mordida do pecado, se despedia, naquelles inspirados versos de Milton, do *Paraiso Perdido*, que o poeta lhe põem nos labios:

> «Oh flôres que negaes vossa presença
> A qualquer outro clima! Vós tão bellas,
> Que eu logo visitar de manhan ia,
> E que no fim da tarde foste sempre
> Ultimo doce objecto dos meus passos!
> Vós, a quem os cuidados meus mais ternos
> Teem sustentado dês que o botão vosso
> Mais tenro começara a vir brotando,
> E que os nomes vos dei! Que mão piedosa
> Para o sol voltará d'ora em deante
> Vossa cabeça languida orvalhada?
> Quem ha de separar a vossa especie,
> E de abrolhos mondar vosso terreno?
> Quem da fonte de ambrosia ha de regarvos?»

Mais um Paraiso em Lisboa!

A Sociedade Propaganda de Portugal que se apresse a communical-o ao mundo, para que o mundo saiba, que ali, na rua Nova da Palma, Lisboa oferece um outro Paraiso que a Arte fez surgir, alem daquelle com que a boa Natureza, louvado Deus, a dotou.

Um cumulo dir-se hia, mas já passou essa moda de cumulos a proposito de tudo.

Este Paraiso que ora abriu suas portas aos mortaes é de facil acesso; uns magros tostões basta para o gosar e se não tem lá a macieira tentadora, tem a bella parreira careteristica, de luminosos cachos pendentes como em pais encantado.

Sobre o lago, que não é precisamente o Stygio — agora nos acode outros versos de Milton do seu *Paraiso*:

> «Logo a monstruosa corpulencia eleva
> Vertical sobre o lago; as fluidas chammas
> . . . .
> Como ardia a lagôa em fogo fluido».

O que lá ergue sua corpulencia é um teatro, e o que arde na lagôa são as fontes luminosas.

As fontes luminosas?!

Sim. Tão novas em Lisboa como velhas em Paris.

Pois se nós estamos tão *atrasados*; mas para isso tambem ali ha pronto remedio, no magnifico restaurante, servido na esplanada, onde se come, bebe e se póde gosar o espétaculo.

E por ali fóra vamos até á patinagem, á carreira de tiro e á *glissasem*, onde creanças, folgam, brincam e nos alegram tambem com sua alegria.

Tudo isto surgiu, como por encanto, dentre os habitos pachorentos do lisboeta, no curto espaço de dois meses, á varinha magica de Augusto Pina, que deu ali mais uma prova do seu genio de artista e da sua átividade incomparavel.

Dois meses apenas entre a ideia e a execução!

A ideia dizeime ter sido de uns cavalheiros muito graves e circumpectos, que lhes deu para fazer em Lisboa um centro de divertimentos barato, como os ha nas principaes cidades da Europa, e esta nossa capital, que quer ser gente, com vista á Sociedade Propaganda etc., não tinha disso.

A execução, como disse, foi de Augusto Pina, que deliniou e dirigio todos os trabalhos e, não sabemos bem, se contratou artistas para os espétaculos.

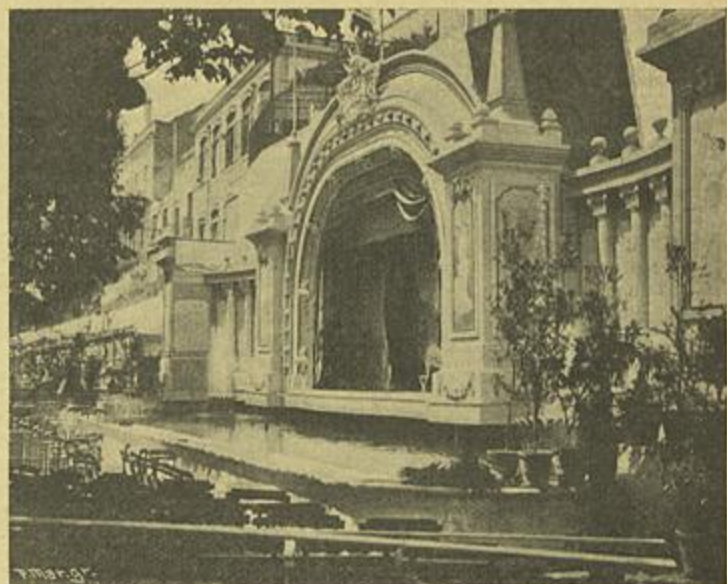
Por fim lá vae um conselho que me não pedem, mas que sinceramente o dou.

Para que o estrangeiro encontre alguma novidade que o destraea, nacionalisem um pouco o Paraiso de Lisboa com coisas portuguêsas. Temos artistas que ali podem preencher alguns numeros dos programas, com scenas comicas e comedias ligeiras, e temos tambem o jogo de pau e nossos cantares e danças portuguêsas por esse pais fóra, que trasidos á capital seriam apreciados, por nacionaes e estrangeiros.

Cada terra com seu usou e... e os estrangeiros não vem cá para vêr Paris ou Londres, mas para verem Lisboa, e os nacionaes já estão suficientemente saturados de *boleros* e de *chansonnette* que o geral do publico não entende.

Venha um Paraiso português para Lisboa.

C. A.

O Cine Teatro e Teatro do Lago

Proscenio do Teatro do Lago

Vista exterior, Entrada

Esplanada do Restaurante e Carreira de Tiro